

O papel da comunicação no ciberativismo LGBTQ+¹

Kevin Silva Santana CABRAL²

Talita Medeiros da Costa BARBOSA³

Gilsimar Cerqueira OLIVEIRA⁴

Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana, Feira de Santana, BA

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar o papel da comunicação e das redes sociais nos debates de gênero. Procuramos percorrer a trajetória da comunidade LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexual e queer) - desde o surgimento do movimento até os problemas enfrentados no dia a dia, perpassando na inclusão nas mídias sociais e como essas redes estão ajudando a conseguir dar uma maior visibilidade dessas minorias, desta forma a comunidade LGBTQ+ vem conseguindo espaço dentro das mídias de grande circulação. A pesquisa, desenvolvida a partir dos referenciais teóricos, pretende, por fim, mostrar a relevância da temática para demonstrar a inserção social das minorias de acordo com a construção de identidade e gênero.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; ciberativismo; LGBTQ+; mídias sociais; internet.

INTRODUÇÃO

A heteronormatividade⁵ é imposta desde pequenos, quando ao nascer já temos toda uma vida planejada e preparada apenas para seguirmos as regras do azul de menino e rosa de menina. Ao fugir de qualquer um dos parâmetros da sociedade é indubitável a

¹Trabalho apresentado na II 07 – Comunicação, espaço e cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UNEF - BA, e-mail: kcabrak134@gmail.com.

³Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UNEF - BA, e-mail: medeirosctalita@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da UNEF - BA, e-mail: cerqueira.gilsimar@gmail.com

⁵ Termo que indica “a reprodução de práticas e códigos heterossexuais; sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filhos)” (FOSTER,2001, p.19). Muito usado em discussões e pautas do ciberativismo.

marginalização. Grupos sociais como os LGBTQ+ sempre sofrem com a invisibilidade nas grandes mídias massivas, como televisões e jornais.

Para serem vistos, no Brasil na década de 70⁶, em meio ao caos da ditadura, surgiu o movimento LGBT em reuniões nos Guetos, clubes e bares frequentados por gays, lésbicas, transexuais e travestis. Nessa época foi publicado os primeiros jornais com temáticas homossexuais e lésbicas, entre eles o ‘O lampião da esquina’ e ‘Chanacomchana’. Hoje, a internet leva o protagonismo do movimento. Páginas, hashtags, publicações, blogs e sites tem levado a discussão adiante e levantado grandes debates a quem não teria acesso tempos atrás.

Este texto tem como principal objetivo apresentar uma análise sobre o papel da comunicação no ciberativismo LGBTQ+ e como as mídias sociais (*facebook, instagram, twitter, etc.*) ajudam na disseminação de ideais, e como essa rede serve como palco para diversos debates em questão de gênero uma vez que o espaço para esta comunidade ainda não é fortemente amplo nas grandes mídias de massa. Sendo assim apresentaremos um levantamento histórico sobre o movimento aqui em tela seguido de uma abordagem sobre os movimentos sociais através das redes sociais como forma de aclararmos as possibilidades da potencialidade das mídias acima citadas.

COMO SURGE O MOVIMENTO

O movimento LGBT no mundo surge em 1969 nos Estados Unidos com a Rebelião de Stonewall, quando gays, lésbicas, bissexuais e travestis se reuniram e rebelaram-se contra as ações que policiais promoviam como batidas e revistas humilhantes em bares de Nova Iorque. A rebelião durou seis dias e tornou-se marco do movimento, por tanto em 28 de junho é comemorado o Dia Internacional do Orgulho LGBT⁷. No Brasil os primeiros registros de publicações de jornais com temáticas homossexuais, como ‘O Lampião da esquina’, foram em meio a ditadura militar, período

⁶ Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/explicado/2017/06/17/A-trajet%C3%b3ria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBT-brasileiro>

⁷ André Pomba é colunista do iGay e escreve sobre cultura e o mundo LGBT. Dessa vez, ele comemora o Dia do Orgulho LGBT com um pouco de história. Disponível em: <http://igay.ig.com.br/colunas/coluna-do-pomba/2017-06-28/stonewall-orgulho-lgbt.html>). Acesso em: 05 de abril de 2018.

conturbado no Brasil principalmente para as minorias revolucionárias. O jornal, como diz na primeira edição, prometia:

Falar da atualidade e procurar esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados - dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias. (LAMPIÃO, 1978, ed.0, p.2)

Este jornal foi essencial para a sociedade da época, já que criticava e não tinha medo de expor suas opiniões diante dos absurdos cometidos as minorias. Na décima segunda edição escreveram contra o regulamento de transportes, tráfego e segurança do Rio de Janeiro

"Limpador de esgoto, travesti de baby-doli, mendigo Incômodo, bêbedo chato quem usar cadeira de rodas, tiver aspecto repugnante ou doença infecto-contagiosa, aconselha-se a ficar fora do metrô": a recomendação, feita pelo Jornal do Brasil em sua edição de 8 de abril, baseava-se no "Regulamento de Transporte*, Tráfego e Segurança" destinado ao usuário do metro carioca e aprovado pelo Governador Chagas Freitas. E o jornal, naquela matéria, tentava discutir os artigos mais rigorosos do redigo, para concluir, ao final: "as minorias não cabem no metrô". (JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979, ed.12, P. 4)

Ainda nessa mesma edição, em 1979, o jornal abriu um espaço para que a militância lésbica escrevesse e se posicionasse. Neste espaço de cinco páginas, as mulheres falam sobre a invisibilidade da sua luta, a importância de discutir sexo e em como estavam atrasadas essa discussão. Foi o ponto de partida para a militância lésbica brasileira nas mídias.

Nós estamos atrasadas porque existimos, mas sempre abdicamos de existir. Existimos nos cochichos, nos bochichos, em algum barzinho, em algumas boates, n'alguma cama com algum corpo, nas fantasias e sonhações que, na maioria das vezes, arquivamos desde sempre. Nós estamos atrasadas porque temos medo, receio, cagaço mesmo de viver o que somos. Porque não construímos o espaço do nosso viver. Porque vivemos na clandestinidade. (...) A repressão perpassa todas as esferas do nosso existir. O fato de sermos mulheres homossexuais duplica a repressão. Além de mulher, ser homossexual é muito, né? Quer ver muito mais? Mulher, negra, homossexual. Quer ver mais? Nós estamos atrasadas porque os valores garantidos pelos esquemas repressivos têm conseguido um desempenho eficaz. (JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA, 1970, ed. 12, P. 7)

A tamanha visibilidade e necessidade de não ser mais invisível torna necessário a criação de um boletim, em 1981, chamado “Chanacomchana”, que era vendido no Ferro’s Bar, bar frequentado por lésbicas de São Paulo. Apesar do bar ser sustentado pela comunidade lésbica, a venda do jornal não era aprovada pelos donos do bar, o que causou um ato político em 19 de agosto de 1983, comparado a revolta de Stonewall, e foi reconhecido 25 anos depois como Dia do Orgulho Lésbico.

A tentativa de expulsão das militantes do Grupo de Ação Lésbico Feminista (GALF) por parte do dono do Ferro’s Bar provocou a primeira manifestação lésbica brasileira, ocorrida em 19 de agosto de 1983. Com apoio de feministas e militantes gays, as lésbicas do GALF conseguiram driblar o porteiro do estabelecimento e adentrar o bar. Fizeram um ato político e exigiram que o dono do Ferro’s se comprometesse publicamente em permitir a venda do boletim Chanacomchana dentro de seu estabelecimento. Com ação vitoriosa, a data foi proposta como Dia Nacional do Orgulho Lésbico e 25 anos depois, em 2008, foi oficializada pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (OLIVEIRA, Quem tem medo de sapatão?, 2017, P. 13)

A nomenclatura LGBTQ+ é recente, utilizada para designar as mais fluidas orientações sexuais existentes desestabilizando a padronização heteronormativa aplicada pela sociedade. Segundo Friedrich Nietzsche, nós enquanto seres humanos comumente acabamos por querer atribuir sempre um sexo a todas as coisas, principalmente na dualidade sexual (homem e mulher heterossexual). O trecho abaixo ilustra bem o que o autor quer apresentar:

Quando o homem atribuía um sexo a todas as coisas, não via nisso um jogo, mas acreditava ampliar seu entendimento: - só muito mais tarde descobriu, e nem mesmo inteiramente ainda hoje, a enormidade desse erro. De igual modo o homem atribuiu a tudo o que existe uma relação moral, jogando sobre os ombros do mundo o manto de uma significação ética. Um dia, tudo isso não terá nem mais nem menos valor do que possui hoje a crença no sexo masculino ou feminino do Sol. Friedrich Nietzsche. (AURORA, 2008, P.27).

Por conseguinte, mesmo com toda essa militância existente nos dias atuais a visibilidade LGBTQ+ nas mídias massivas ainda é muito escassa, desta forma essa comunidade acabou por migrar para as redes sociais emergentes. O ciberativismo é uma manifestação política na internet, terminologia proposta por McCaughey e Ayeres. A definição de ciberativismo é pouco difundida entre o campo da Comunicação, um autor que é comumente citado nesse meio é David de Ugarte (2008).

[...]toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão social, mediante a difusão de uma determinada mensagem e sua propagação através da “boca a boca” multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal. (UGARTE, 2008, p. 77)

O MOVIMENTO SOCIAL ATRAVÉS DA REDE

Com as mais crescentes transformações ocorridas no mundo contemporâneo principalmente com o início do processo da globalização se pode notar que as modificações no ambiente das lutas sociais, caracterizado pelo referencial de oposição “movimentos sociais versus Estado”; já que muitos problemas e reivindicações ultrapassam as fronteiras locais (SCHERER-WARREN, 1998, p.17). Partindo desse pressuposto nota-se que a expansão da globalização trouxe uma maior fluidez principalmente das novas tecnologias da comunicação que possibilitaram os mais diversos grupos sociais de se expressarem de uma forma mais ativa, visto que as lutas coletivas da contemporaneidade se “travam” na rede, como é discutido pelo sociólogo espanhol Manoel Castells:

[...] enquanto as lutas sociais modernas eram marcadas por movimentos que mantinham a sua hierarquia condizente com os valores verticais da industrialização, as lutas contemporâneas apresentam movimentos sociais com uma estrutura cada vez mais horizontal e em rede (CASTELLS, 2001 *apud* RIGITANO, 2003, p. 2).

Assim a constituição de redes de Ongs e movimentos sociais tem como objetivo compartilhar informações entre os mesmos indivíduos dentro de uma mesma entidade (MORAES, 2001; SCHERER-WARREN, 1996). Por conseguinte, é visto que essas ligações em rede buscam de forma ampla e coletiva na sua grande maioria no âmbito político e/ou social trazer mudanças através do enfrentamento político esperando desta forma uma possível conquista de direitos e o combate a quaisquer tipos de discriminações. Desta forma, as redes de ongs, de movimentos sociais, ou como propõem outros autores “redes de cidadãos” (DEIBERT, 2000), estão se utilizando cada vez mais da Internet como ferramenta para as lutas sociais contemporâneas (ANTOUN, 2002; ARQUILLA, RONFELDT, 2001; DEIBERT, 2000; GOHN, 2003; MORAES, 2001; SOUZA, 2002; dentre outros).

Toda essa movimentação que vem ocorrendo na rede é recentemente denominada de ciberativismo, ou seja, a utilização da Internet por movimentos politicamente motivados (VEGH, 2003, p.71), com o intuito de alcançar suas tradicionais metas ou lutar contra injustiças que ocorrem na própria rede (GURAK, LOGIE, 2003; MCCAUGHEY, AYERS, 2003), valendo ressaltar que o movimento ciberativista começou a tomar forma quase que paralelamente ao início da internet em meados da década de 1980. Correlacionando ao advento da Indústria Cultural proposta por Theodor Adorno e Max Horkheimer (1947) utilizado no livro “Dialética do Esclarecimento” que consiste no pressuposto de que vários produtos e ou ideologias podem ser facilmente disseminados e impostos ao consumo de fácil modo através dos meios de comunicação de massa (televisão, rádio, jornal e internet), como discutido por Adorno e Horkheimer:

Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade. Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos (...) paralisam essas capacidade em virtude de sua própria constituição objetiva (ADORNO & HORKHEIMER, 1997:119).

Pode-se notar que o ativismo através da rede se funde a esse ideal uma vez que os ativistas sociais conseguem pela internet difundir seus ideais e obter diversos seguidores que compartilham desses mesmos princípios. O uso dessas redes de propagação midiática na atualidade tomou proporções tão abrangentes que foram utilizadas para a organização de uma onda de ações revolucionárias de manifestações e protestos ocorridos no Oriente Médio e no Norte da África, as revoltas aconteceram sequencialmente, em efeito dominó – na Tunísia, teve início em dezembro de 2010; no Egito, em janeiro de 2011; e na Líbia, fevereiro de 2011 (JOFFÉ, 2011), mostrando a força da internet como meio de troca de inquietações e anseios da população que acabam por organizar os conhecidos movimentos sociais de rua⁸.

⁸Os Movimentos sociais ou movimentos sociais de rua são as expressões da organização da sociedade civil. Agem de forma coletiva como resistência à exclusão e luta pela inclusão social. Disponível em: <https://www.sabedoripolitica.com.br/ci%C3%A4ncia-politica/movimentos-sociais/>. Acesso em: 26 de abril de 2018.

O autor do livro “Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank”, Sandor Vegh (2003), classifica o ciberativismo em três grandes categorias sendo que a partir delas os indivíduos da sociedade podem interagir e trocar informações dentro de uma determinada categoria ou ainda fluir entre as três. Na primeira concentra-se a inserção da população antes sem contato maior com o mundo ao seu redor aos mais variados tipos de informações e formas de conscientização, seja pela inscrição em fóruns, visita em sites e na entrada em comunidades do Facebook e apoiar causas e até se mobilizar em prol de alguma organização, participando de ações e protestos on-line e off-line. (VEGH, 2003, p.73), um exemplo é a Associação Revolucionária de Mulheres do Afeganistão (RAWA), que publica, na Internet, vídeos mostrando atrocidades cometidas por fundamentalistas islâmicos. A confecção de vídeos retratando torturas e abusos de poder, para serem veiculados pela Internet, tem sido uma prática utilizada por diversas organizações ativistas (SCHEERES, 2003). A segunda categoria parte do pressuposto do uso da internet para organização e mobilização para determinação ação, como exemplo pode-se citar campanhas em sites que visam a arrecadação de fundos para ações assistencialistas, que utilizam o clique em determinados *banner's* e/ou a permanência em sites que são convertidos em dinheiro doado por empresas como o caso dos banners do *The Hunger Site*⁹ que a cada clique, patrocinadores e anunciantes doam alimentos, por intermédio da ONU, a países que sofrem com o problema da fome. E por fim a terceira categoria que consiste nas formas de ativismo digital, segundo Vegh, é formada pelas iniciativas de ação/reação; mais conhecidas por “hacktivismo”, ou ativismo “hacker” (VEGH, 2003, P.75).

Nota-se que que a internet é um ambiente aberto e receptivo a quaisquer tipos de pessoas através de debates sobre as tecnologias de inteligência, conceito proposto por Pierre Lévy, que consiste na inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (Lévy (2003, p. 28) e que de acordo com Brennan (2006):

Os impactos deste processo [O uso da web e seus recursos, como as redes sociais] na capacidade de aprendizagem social dos sujeitos têm levado ao reconhecimento de que a sociedade em rede está modificando a maioria das nossas capacidades cognitivas. Raciocínio, memória, capacidade de representação mental e percepção estão sendo

⁹Disponível em: <http://thehungersite.greatergood.com/clickToGive/th/home>

constantemente alteradas pelo contato com os bancos de dados, modelização digital, simulações interativas, etc. (BRENNAND, 2006, p.202)

Nesse sentido, a cultura digital tem possibilitado a criação de um espaço para a expressão de forma mais “livre” e aumentado a visibilidade de grupos excluídos socialmente, como no caso da comunidade LGBTQ+, mulheres, negros, índios e dentre outros.

O QUANTO ESSA FORMA DE MANIFESTAÇÃO IMPACTA

É possível ver que algumas pessoas não acreditam e muitas vezes não confiam no tamanho impacto que essa forma de manifestação tem na vida de muitos. Uma manifestação feita no âmbito virtual alcança pessoas que se recusariam ao ligar a TV, faz com que as pessoas vejam por um *like* ou um post compartilhado e entendam de maneira simples, como tirinhas, a importância da existência dessa classe e dessa luta.

A revolução e a transformação social agora se fazem de maneira conectada, menos visível ou impactante, talvez, mas extremamente eficaz. Como nas micropolíticas foucaultianas, que diziam que a transformação social não era algo dado de maneira vertical, mas sim através das relações do cotidiano, por mais irrelevantes que parecessem ser. Aquela prática discursiva do diálogo e da troca de experiência é responsável pela mudança lenta e gradual da sociedade (FOUCAULT, 1984). (COTTA, 2014).

Também é necessário entender que a migração da manifestação das redes sociais tem um fator: as mídias tradicionais excluem sua luta, não permitem a livre expressão e mantêm as minorias invisibilizadas, segundo Diego Cotta:

Para os ciberativistas, o uso da internet é um meio de “driblar” os meios de comunicação tradicionais, que, na maioria das vezes, não oferecem espaço para que a opinião pública se manifeste. Com isso, a rede se torna um espaço “público” em que os ativistas podem se manifestar, otimizando o impacto de suas ideias (COTTA, 2014).

De certa forma a comunidade LGBTQ+ impulsionou-se com o advento da internet e com as facilidades que ela traz, e viram na mesma uma válvula de escape para todas os padrões que lhe são impostos perante a sociedade heteronormativa existente, sem dogmas partidários que enrijecem e militarizam a discussão, a temática LGBTQ+ nas

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XX

Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Juazeiro – BA – 5 a 7/7/2018 9 redes sociais inchou de maneira espontânea porque nasceu de seus próprios usuários, estimulados pela democracia e liberdade que o ciberespaço proporciona (COTTA, 2014).

CONCLUSÃO

Como forma de arrematar a discussão feita acima, podemos perceber que o movimento historicamente invisibilizado ganhou força com o advento da comunicação em massa proporcionada pela internet, mais especificamente pelas redes sociais, tais como *facebook*, *instagram* e *twitter*, os quais puderam ser utilizadas como verdadeiras armas na construção e afirmação das identidades de gênero acima discutidas. A luta da comunidade LGBTQ+ em ascender-se socialmente e sair das sombras da marginalidade impostas pela comunidade heteronormativa é antiga.

A priori, como citado acima pode-se notar que qualquer indivíduo que fuja da “padronização” é altamente perseguido seja por indução religiosa, econômica ou social e são normalmente casos abafados pelas mídias de grande circulação (televisão, revistas, rádio, revistas, etc.), desta forma a comunidade LGBTQ+ tende a migrar para a internet que a tempos se torna um dos maiores meios de vinculação de notícias, fonte para pesquisas e utilizadas para a organização de manifestos, reuniões e debates de identidade e gênero, desta forma, vê-se que o avassalador avanço das nossas mídias de massa tem sido suma importância as minorias normalmente “excluídas” pela sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

RIGITANO, Maria Eugenia Cavalcanti. **REDES E CIBERATIVISMO: NOTAS PARA UMA ANÁLISE DO CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE**. Salvador, Bahia, 2003.

We are human. **4 MOVIMENTOS SOCIAIS QUE VALEM A PENA ACOMPANHAR**. Disponível em: <http://blog.wearehuman.com.br/4-movimentos-sociais-que-valem-a-pena-acompanhar/>. Acesso em: 13 de abril de 2016.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **CIBERATIVISMO, CULTURA HACKER E O INDIVIDUALISMO COLABORATIVO**. REVISTA USP, São Paulo, n.86, P.28-39, junho/agosto 2010.

A PRIMAVERA ÁRABE E AS REDES SOCIAIS: O uso das redes sociais nas manifestações da Primavera Árabe nos países da Tunísia, Egito e Líbia. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/30432/30432.PDFXXvmi=>. Acesso em: 26 de abril de 2018.

Afros e afins por Nataly Neri. ATIVISMO DE INTERNET É ATIVISMO? Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X2abNOM_WTA. Acesso em: 25 de abril de 2018.

OLIVEIRA, Luana Farias. **QUEM TEM MEDO DE SAPATÃO? RESISTÊNCIA LÉSBICA À DITADURA CIVIL-MILITAR (1964-1985)**. Periódicus, Salvador, n. 7, v. 1, maio-out. 2017 – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA

GONZATTI, Christian. **A REDE DIGITAL COMO CATALISADORA DE ESPAÇOS INFORMATIVOS EM TORNO DAS MARCAS DA DIFERENÇA: UMA ANÁLISE DA PÁGINA CARTAZES E TIRINHAS LGBT**. 2017.

COTTA, Diego de Souza. **A REDE SAI DO ARMÁRIO: O CIBERATIVISMO DO ARCO-ÍRIS**. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

WOLLINGERO, Leonardo B. W. **CIBERATIVISMO LGBT: UMA ANÁLISE DO CANAL DAS BEE NA ARTICULAÇÃO E PROMOÇÃO DO DIÁLOGO ENTRE JOVENS**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2016.

COLLING, Leandro. **A HETERONORMATIVIDADE E A ABJEÇÃO - OS CORPOS DE PERSONAGENS NÃO-HETEROSSEXUAIS NAS TELENÓVELAS DA REDE GLOBO (1998 A 2008)**. Salvador, 2010.

CAMPELLO, Livia Gaigher Bósio; COSTA, Welington Oliveira de Souza. **CULTURA E MULTICULTURALISMO: IDENTIDADE LGBT, TRANSEXUAIS E QUESTÕES DE GÊNERO**. Curitiba, 2017.